O PADRE AUGUSTIN BARRUEL

Uma vez que, após o padre Barbier, decidimos colocar nossos trabalhos sob a égide do Padre Augustin Barruel, pareceu-nos interessante reproduzir o artigo abaixo do Padre Dudon, SJ.

Publicadas na *Études*, revista da Companhia, em 20 de outubro de 1926, estas poucas páginas abordam a recepção da obra do Padre Barruel pelos historiadores oficiais da Revolução e, assim, permitem apreciar melhor a sua importância.

O eminente jesuíta, que estudou de perto a Revolução e a influência das lojas maçônicas sobre ela, é demasiado conhecido para que nos estendamos; limitemo-nos a recordar que sua principal obra, tornada difícil de encontrar, *As Memórias para servir à história do Jacobinismo*, foi reeditada recentemente pela *Diffusion de la Pensée Française* em Chiré-en-Montreuil.

DA AÇÃO POLÍTICA DAS LOJAS NO SÉCULO XVIII

Como todos os historiadores favoráveis à Maçonaria, o Sr. Martin fala desdenhosamente de Barruel. Ele zomba de suas "histórias patéticas"; considera infantil sua tese do "complô maçônico" para explicar a Revolução. Mal e mal lhe reconhece o mérito de uma "erudição abundante". Muita leitura, pouco julgamento e bastante exaltação. Tal é, a meu ver, a ideia que o Sr. Martin faz de Augustin Barruel. Isso requer alguma discussão.

Barruel relata que foi iniciado na Maçonaria por surpresa e à força, e que também assistiu a iniciações. O Sr. Martin considera este relato inverossímil. A questão é saber se é verdade. E não há por que duvidar. Barruel é o oposto de um mistificador. Seus livros responderiam por ele, se fosse preciso. Ele pode se enganar, como todo homem; mas não mente. Toda a sua carreira de polemista, desde as *Helviennes* (1781) até o livro sobre o Concordato (1802), revela um homem corajoso, nobre, zeloso por saber com exatidão. Ele viveu em tempos singularmente conturbados: desvendar a verdade e defendê-la foi a ocupação de toda a sua vida. Uma vez que ele o disse, deve-se ter por certo que ele viu com seus próprios olhos o que se passa nas Lojas.

Além disso, ele leu tudo o que foi publicado em seu tempo na Inglaterra, Alemanha e França, sobre a Maçonaria. O Sr. Le Forestier, em seu livro sobre os Iluminados da Baviera, reconhece esse conhecimento excepcional de Barruel.

Disse, há oito anos, as razões pelas quais a tese do Sr. Le Forestier me parecia insustentável; remeto meus leitores a elas.

Além disso, o Sr. Le Forestier não crê na influência do Iluminismo sobre o Grande Oriente de França; Barruel estima, ao contrário, que a conjunção do Iluminismo de Weishaupt com a Maçonaria francesa foi realizada em 1787 e decidiu os acontecimentos revolucionários.

Sobre este segundo ponto, noto que os dois autores recorrem a conjecturas, em vez de demonstração. O leitor julgará qual dos dois é o mais arrojado.

Barruel soube, por maçons, que o convite às lojas parisienses para virem deliberar com os Irmãos alemães, Bode e o barão de Busch, emanava dos Amigos Reunidos; por eles ainda, ele soube algo desse encontro, ignorando, porém, os detalhes da deliberação; um Irmão lhe explicou, em um memorando, um novo grau conferido no final de 1787, e os detalhes dessa iniciação exalam fortemente o Iluminismo; enfim, é uma das astúcias de Weishaupt buscar para suas teorias o apoio do número; ora, é a partir de 1787 que as Lojas militares, como Barruel soube por confidências, passaram a receber suboficiais, e que se multiplicaram esses liceus, essas sociedades, esses clubes, que serviram à Maçonaria como meios de penetração e ação.

É preciso notar que, no trecho de suas *Memórias* onde fala da invasão do Iluminismo na França, Barruel não menciona apenas o Grande Oriente – que ele chama justamente de "parlamento maçônico" – mas também os Amigos Reunidos, os Swedenborgistas da rua de *la Sourdière*, os teósofos de Ermenonville, a Loja das Nove Irmãs, a da Canard. A loja do Contrato Social é a única que ele excetua da influência das detestáveis doutrinas do Iluminismo.

Notemos ainda que outros maçons além de Savalette de Lange faziam parte, ao mesmo tempo, tanto do Grande Oriente quanto de outras Lojas, como as Nove Irmãs ou os Amigos Reunidos.

Para negar qualquer contato real entre o Iluminismo de Weishaupt e o Grande Oriente, o Sr. Martin se refere ao Sr. Le Forestier. O Sr. Le Forestier, de fato, defende essa tese em seu livro sobre os Iluminados da Baviera. Mas seus apoios parecem frágeis, já que consistem em um artigo de um jornal de 1801. É essa uma prova irrefutável?

O Sr. Martin não pensa que Bode e Busch poderiam ter agido em Paris, por meio de conversas, fora de qualquer recepção oficial no Grande Oriente? É provável que o Sr. Gustave Bord tenha algo a nos dizer sobre Savalette de Lange e Chefdebien, em suas relações com os Iluminados alemães. O papel nefasto desses dois personagens ainda não está totalmente esclarecido.

Além do mais, mesmo que Barruel tivesse se enganado sobre a importância da viagem de Bode, restaria o que ele escreveu, nos dois primeiros tomos de suas *Memórias*, sobre a conjuração dos "sofistas da impiedade" e dos "sofistas da rebelião".

Há aí um ponto importante a examinar.

Em dois capítulos distintos de seu livro, o Sr. Gaston Martin insiste na ideia de que a Maçonaria é apenas uma herdeira do filosofismo; ela não inventou sua doutrina religiosa, social ou política; ela a recebeu. Por isso, as obras do Sr. Sée sobre as *Ideias políticas na França no século XVIII* são citadas com complacência. E assim também o historiador retoma, várias vezes, certo discurso de Palasne de Champeaux, venerável da Virtude Triunfante de Saint-Brieuc e deputado à Constituinte:

> *As luzes que iluminam este século devem-se às profundas meditações, às combinações refletidas dos doutos filósofos; seus escritos imortais passaram por todas as mãos, e as verdades cintilantes que continham permaneceram gravadas em todas as mentes, aguardando apenas uma ocasião favorável para se desenvolverem.*

"Há nesse discurso", conclui o Sr. Martin, "uma análise muito interessante e perspicaz da interpenetração da Maçonaria e da filosofia".

Abramos Barruel. Pelo que começam suas *Memórias para servir à história do jacobinismo*? Pela demonstração da conspiração anticristã da qual Voltaire, d'Alembert, Diderot e Frederico II são os líderes. Na própria correspondência dessas figuras, Barruel busca e encontra a prova de seu intento, de seu segredo, de sua união, de seus meios de ação, das etapas sucessivas que marcarão a destruição da Igreja Católica e culminarão no esmagamento do "infame". Não são "histórias patéticas"; é uma demonstração rigorosa e inatacável, à qual Barruel dedica um volume inteiro.

O volume em que ele denuncia os "sofistas da rebelião" não é menos revelador que aquele onde são desmascarados os "sofistas da impiedade". O processo é sempre o mesmo: citações autênticas, numerosas, convergentes. Assim como no panorama anterior, Voltaire e d'Alembert reaparecem; depois, Montesquieu, Jean-Jacques Rousseau, Mably, Diderot, Helvetius, Raynal, o clube de Holbach, desfilam com suas teorias diversamente antimonárquicas.

Finalmente, Barruel discutiu com maçons e recebeu confidências. É fácil, *a priori*, zombar de um homem enganado por "histórias" de Irmãos desiludidos. Neste caso, porém, a ironia se desvia e se engana. Barruel não viu meros comparsas. Ele nomeia suas testemunhas ou as designa claramente, quando não pode nomeá-las. Ele teve as confissões de um Rosacruz e de um cavaleiro Kadosh; ele viu martinistas; ele recebeu de um dos testemunhas oculares o relato da missão de Sinéty ao regimento de Sarre e invoca, sobre esse fato, o testemunho dos Senhores De Martange, de Bertrix e de Myon; ele cita o testemunho de Girtan sobre o clube de propaganda dirigido por Rochefoucauld, Concorde e Sièyes; ele sabe, segundo esse confidente, o que "o sofista Bergier", cinco anos antes de 89, disse sobre a preparação da Revolução; ele viu uma carta do médico Alphonse Leroi precisando, em 89, que a Revolução estava sendo preparada há muitos anos; ele ouviu, da boca do destinatário dessa carta, a conversa deste com um ministro de Luís XVI; ele teve em mãos o relato, feito por Beaupoil de Sainte-Aulaire, de suas impressões sobre o Comitê dos Amigos dos Negros, cujo objetivo superava singularmente o tráfico negreiro; ele soube, de Gobel, detalhes muito semelhantes, assim como de um membro do Comitê regulador; ele teve consigo memórias que relatavam como maçons perigordianos, um certo senhor Lacoste e um certo senhor Gairaux, recebiam as instruções do Grande Oriente.

Por mais que o Sr. Gaston Martin, e também o Sr. Albert Lantoine, zombem das "histórias" de Barruel, este homem relata o que sabe a partir de excelentes informantes. Isso é verdade, quando ele folheia os livros dos filósofos, e também quando folheia as memórias daqueles que ele chama de "adeptos das Lojas". *A priori*, repito, é fácil afirmar que Barruel foi mistificado por maçons adormecidos. A afirmação só tem valor com provas que a sustentem.

Para citar um exemplo, Barruel acredita, segundo Virieu, na condenação à morte de Luís XVI, no congresso maçônico de Wilhelmsbad, em 1782. O Sr. Gustave Bord demonstrou que as declarações atribuídas a Virieu não eram nem tão claras, nem tão decisivas. Deixando este caso de lado, não sei se alguém conseguiu pegar Barruel em erro. E, de qualquer forma, por meio de papéis ainda existentes, seria fácil para mim demonstrar a amplitude e a seriedade de suas informações.

Os três últimos volumes das *Memórias sobre o jacobinismo* tratam dos Iluminados da Baviera. Em seu prefácio, o autor enumera suas fontes; são as mesmas de onde o Sr. Le Forestier se inspirou; são numerosas e não há melhores. O Sr. Le Forestier concorda que Barruel leu tudo. Mas ele difere muito de seu predecessor em suas conclusões. Para o Sr. Le Forestier, as teorias dos Iluminados são meras audácias de pensamento; para Barruel, elas são planos de reforma que estavam decididos a introduzir.

Já é o livro do Sr. Sée sobre as *Ideias políticas na França no século XVIII*. É até muito mais. Pois Barruel não se contenta em compilar os textos dos inimigos da realeza. Ele os confronta, por um lado, com as confissões de Condorcet e do Mercure, e, por outro lado, com o célebre requisitório pronunciado no Parlamento de Paris, em 1770, pelo advogado-geral Séguier. Ele mostra a penetração dessas ideias subversivas nos panfletos da época, no meio parlamentar e no mundo das Lojas.

De modo que, se é um mérito, para o Sr. Gaston Martin, ter descoberto que a Maçonaria francesa é uma herdeira do filosofismo, ele deve compartilhar essa glória com Barruel, que fez essa demonstração, há cerca de cento e trinta anos.

Prossigamos com este paralelo.

O Sr. Martin estudou com cuidado a "difusão das ideias maçônicas". Essa se dá pelo recrutamento das próprias Lojas; a nobreza, o exército, a burguesia, o clero, são conquistados por todo o reino. Ela se dá também pela propaganda fora das Lojas; e pela busca de meios práticos para realizar a igualdade e a liberdade das quais as lojas são as anunciadoras. A Maçonaria tem a mão na redação dos cadernos de queixas e nas eleições para os Estados Gerais. Ela ajuda financeiramente e supervisiona a conduta política dos eleitos. Ela mobiliza as massas proletárias, os meios administrativos e o exército. Pelo Clube Bretão e pelo Clube dos Trinta, ela age em Paris e em outras regiões; a câmara de correspondência do Grande Oriente é o centro nervoso que, por meio de circulares nas lojas, e fora das Lojas por jornais, panfletos, oradores em missão e clubes locais, distribui o influxo maçônico até as extremidades do corpo social. Assim, as Lojas prepararam e asseguraram a vitória da Revolução.

Será que, ainda ontem, o Sr. Albert Mathiez não escrevia:

> *"As Lojas de antes de 1789, longe de serem sociedades de pensamento, eram, ao contrário, sociedades de banquetes e divertimento. Essas Lojas pertenciam, aliás, a ritos, ou seja, a sistemas diferentes. Elas só tinham em comum o*

> *recrutamento uniforme nas classes ricas. Elas forneceram à emigração seu contingente mais importante. Seu papel político foi aproximadamente inexistente; supor que tinham um programa e que dirigiam a opinião é algo absolutamente arbitrário.*

Eis, sem dúvida, "conclusões rápidas" que farão o Sr. Martin sorrir; e a vontade lhe virá de remeter o censor severo de sua tese de doutorado "aos métodos lentos e áridos da erudição e da crítica".

Certamente, o Sr. Gaston Martin é o primeiro historiador de esquerda, se me permite a expressão, que falou, de forma tão peremptória, da ação política das Lojas, antes de 1789. Aos elogios do Sr. Philippe Sagnac, eu de bom grado juntaria os meus, se tivessem valor.

Acrescentemos que, mesmo que se conseguisse inocentar o Grande Oriente, a questão das responsabilidades maçônicas não estaria resolvida. O Grande Oriente não é toda a maçonaria francesa do século XVIII. Ele espera que o Sr. Gustave Bord venha a publicar a continuação de sua história das Lojas. Quando o segundo volume tiver saído, veremos mais claramente este problema ainda envolto em sombras.

Com Augustin Cochin, o Sr. Martin se sente mais desconfortável do que com Barruel. Para conter palavras desairosas, há o respeito por uma morte heroica que encerrou uma vida nobre; o respeito também por essa *École des Chartes*, cujo prestígio rivaliza com o da *École Normale* ou da Sorbonne. Contudo, o Sr. Martin não se priva de contestar, aqui e ali, as conclusões de Augustin Cochin.

Mas, na verdade, é um paradoxo pretender que o pequeno livro vermelho do Sr. Martin confirma os dois grandes volumes brancos de Augustin Cochin sobre as "Sociedades de pensamento"?

Em ambas as obras, encontramos a prova dessa ação secreta, metódica, pela qual os Maçons mais ativos espalharam, fora das Lojas, "essas fórmulas, nítidas, incisivas, decisivas", que continham a palavra de ordem das profundas mudanças a serem operadas na vida nacional.

Cada um à sua maneira, o Sr. Martin e Augustin Cochin demonstraram, assim como Barruel, que a Maçonaria francesa, sobretudo após 1770, foi a semente incansável, eficaz e oculta das ideias novas e explosivas de 89.

No fundo, o que separa o Sr. Gaston Martin de seus predecessores é um problema de valores, mais do que uma questão de fatos. As ideias libertárias e igualitárias são um germe de vida ou um veneno mortal? Germe de vida, diz o Sr. Martin; veneno mortal, dizem Barruel e Augustin Cochin.

Para justificar esse julgamento, Barruel tinha diante dos olhos a França em ruínas; Augustin Cochin, sem falar de outros fragmentos da história contemporânea, conhecia a detestável política de nossa Terceira República. E se a morte o tivesse poupado durante a guerra, os eventos ocorridos de 1918 a 1926 teriam certamente fortalecido o brilhante historiador na convicção de que ele havia julgado bem a maleficência dos princípios revolucionários. Mas, por si só, os acontecimentos do século

XVIII revelam, a quem quiser ver, essa maleficência.

E faltou até o pretexto para essa insurreição infernal contra a velha monarquia. Quem, afinal, pôde seriamente pensar que Luís XV e Luís XVI foram tiranos insuportáveis?

Pela demonstração que faz, ele fornece provas para a famosa passagem na qual Condorcet vangloriou-se da hábil maleabilidade da propaganda maçônica; ele justifica Barruel. Pois Barruel (no cap. XIV do tomo II de suas Memórias) já descreveu a caixa eleitoral, o comitê regulador, os Escritórios de correspondência, os oradores em missão, a multiplicação dos periódicos e dos clubes; em suma, todo o jogo poderoso e fatal da máquina maçônica.

Por outro lado, o Sr. Gaston Martin, como Barruel, diz que a grande preparação da Revolução consistiu na interpenetração do filosofismo e da Maçonaria. Ora, não se pode negar, o filosofismo, sobretudo na época da *Encyclopédie* e do clube de Holbach, fez um esforço concertado para aniquilar a Igreja e desorganizar o Estado. Diante disso, por qual salto para trás o Sr. Martin e o Sr. Sagnac se recusam a ouvir falar de "complô maçônico"?

Pelo fato de ter havido, nas Lojas do século XVIII, nobres e padres, o Sr. Martin conclui pela insolubilidade de uma destruição do trono e do altar desejada pelas Lojas. O raciocínio não se sustenta. Antes do Sr. Martin, Barruel já havia notado o fato e apresentado a objeção. A esta, há apenas uma resposta verdadeira: incautos ignoraram, miseráveis aceitaram a ruína futura das coisas augustas, das quais sua casta ou sua vocação deveria tê-los constituído guardiões indefectíveis. Nem todos os "sofistas da impiedade" e todos os "sofistas da rebelião" tiveram a mesma perversidade de ideias ou a mesma fúria de destruir. Barruel o assinala expressamente, mesmo para o clube de Holbach. Assim era, entre os grandes Maçons de Paris. Mas todos, maçons e sofistas, desejavam mudanças profundas no antigo regime; e as exigiam, em nome do duplo princípio da soberania nacional e da igualdade dos homens.

Aconteceu que os desígnios mais moderados foram superados pelo ardor impetuoso dos mais violentos. Isso ainda acontece. O espetáculo está diante de nossos olhos. Esses violentos existiam na Maçonaria, assim como no filosofismo. Os moderados que aceitaram os violentos como colaboradores, por isso mesmo, aceitaram o risco de sua dominação.

O Sr. Martin diz, em algum lugar, que a Maçonaria daquela época era a favor da monarquia e da religião tradicionais. Onde está a prova? Barruel viu com seus próprios olhos o plano da Loja do Contrato Social, que convidava os Irmãos, após a Constituição Civil, a se unirem ao rei, contra os jacobinos, para deter ali o movimento revolucionário. O que o Grande Oriente respondeu ao apelo sugerido pelo Duque de la Rochefoucauld, assustado com o rumo dos acontecimentos? Ele também elaborou um plano, que testemunha uma séria vontade de barrar o caminho aos violentos? Se o Sr. Gaston Martin nos fornecer esse texto – do que duvido muito – poderemos conceder ao Grande Oriente as circunstâncias atenuantes. Mas nada mais. Será preciso taxar de hipocrisia sua moderação aparente. Pois, pelo simples relato da propaganda maçônica descrita no livro do Sr. Gaston Martin, permanece constante que o Grande Oriente montou a máquina infernal e preparou a pólvora que deveria fazer tudo explodir.

A verdade é que o poder real não era, em lugar nenhum da Europa, mais paterno do que na França. A verdade é que, se Luís XVI tivesse sido um líder, a Revolução teria sido morta no ovo, a despeito de todas as "Sociedades de pensamento".

O Sr. Gaston Martin alegra-se com a destruição selvagem e estúpida da antiga França; e ele parabeniza a Maçonaria por ter tido sua parte nessa empreitada de demolição. O Grande Oriente de hoje aceitou, com gratidão, os cumprimentos feitos ao Grande Oriente de outrora. Diz-se que o livro do Sr. Martin foi recompensado com um prêmio de 4.000 francos, fundado pelo Sr. Arthur Mille, ex-presidente do Grande Oriente de França?

O que pensarão os profanos de tal aprovação? Uma única coisa, creio, e é que os grandes Maçons de 1926, para alimentar seu ódio implacável contra os elementos ainda vigorosos da França de outrora, não encontram alimento melhor do que a lembrança das façanhas execráveis dos grandes Maçons de 1789.

P.R. Paul DUDON SJ - (Extrato das *Études* - pp. 173 a 182 - 20 de outubro de 1926)

Revision #7
Created 27 July 2025 18:44:02 by Admin
Updated 27 July 2025 19:13:19 by Admin